

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
Curso de Ciências Humanas/Sociologia

MATEUS RIBEIRO SOARES

**O DESENVOLVIMENTO DO ESPAÇO URBANO EM BACABAL: Um olhar
sobre o papel dos grandes agentes econômicos em sua trajetória**

Bacabal

2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
Curso de Ciências Humanas/Sociologia

MATEUS RIBEIRO SOARES

**O DESENVOLVIMENTO DO ESPAÇO URBANO EM BACABAL: Um olhar
sobre o papel dos grandes agentes econômicos em sua trajetória**

Monografia apresentada ao curso de Ciências Humanas/Sociologia, como requisito para obtenção de título de licenciado em Ciências Humanas – Sociologia.

Orientador: **Prof. Dr. Evaristo José de Lima Neto**

Bacabal-Ma

2018

MATEUS RIBEIRO SOARES

**O DESENVOLVIMENTO DO ESPAÇO URBANO EM BACABAL: UM OLHAR
SOBRE O PAPEL DOS GRANDES AGENTES ECONÔMICOS EM SUA
TRAJETÓRIA**

Aprovada em: ____/____/____

Banca Examinadora

Professor:

Professor:

Professor:

Dedico esta monografia a minha mãe, pelo exemplo de mulher e garra que muito contribuiu para minha consciência moral, ética e educacional, e a meu querido pai, in memoriam, que muito desejou ver-me formado, e a todos os meus colegas da vida e do curso que contribuíram para o meu crescimento e aprendizagem.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente a Deus, pela iluminação e sabedoria e a força de chegar até aqui, segundo aqueles que me incentivaram e deram força neste trabalho, amigos, professores e etc. Também, a meu orientador pela paciência e esmero em concluirmos esse trabalho, agradecer ainda ao meu amigo Edvaldo Alves, que me cedeu seu PC para conclusão deste trabalho, devido ao meu ter desmantelado. Por fim, agradeço a todos que de certa forma me ajudaram a fazer este trabalho, meu amigo Feitosa Filho, que fez a pesquisa de campo comigo e ao Professor Me. Jadeilson Ferreira que me deu umas dicas importantes.

“A morte é uma parte natural da vida. Feliz fique por aqueles que na Força se transformam. Apego leva ao ciúme, a sombra da ganância isso é.”

YODA (2005)

RESUMO

O objetivo deste trabalho é compreender a cidade como um construto social e político, desde a gênese histórica, a economia, e populacional, neste sentido, recorreu-se aqui ao conceito de *espraiamento urbano*, Kowarick (1994) que chamam atenção para o fenômeno do crescimento desorganizado e esparramado nas cidades. Para entender essa dinâmica na realidade maranhense, foi escolhida a cidade de Bacabal no, localizada na região central do estado, está entre os dez mais populosos, segundo IBGE (2010), sendo o nono município mais populoso do Maranhão, com 103,359 mil habitantes e um PIB bruto de R\$ 1.019.263.000 e per capita de R\$ 9.928,92 /hab. Sendo cortada pela BR 316, a cidade se coloca como um importante centro regional no estado. O eixo orientador desta pesquisa está no estabelecimento de uma relação entre os principais ciclos econômicos da cidade e seus impactos sobre o seu espaço urbano. Para compreender esse processo, foi feita uma extensa pesquisa bibliográfica, quase uma arqueologia, pra compreender os processos históricos, políticos e econômicos do município. O objetivo é fazer conhecer, quem foram os agentes econômicos, políticos e sociais, que modificaram o espaço urbano da cidade de Bacabal – Ma, quais fatores contribuíram para que Bacabal fosse gradualmente espraiando e perifêrizando sua população, à medida que foi crescendo. Pra isso, se faz um resgate histórico de Bacabal e uma busca conceitual, acerca de perifêrização e espraiamento, para trazer conhecimento sobre esses dois conceitos recentes da sociologia e geografia urbana. Por fim, trazer um entendimento de como o setor de serviços, trouxe uma reformulação do espaço, espraiando mais ainda e jogando pra periferia não apenas a população de menor poder aquisitivo mais os de maior renda também, como uma perifêrização do luxo.

Palavras Chaves: Espraiamento, Espaço urbano, Ciclos Econômicos e Bacabal.

ABSTRACT

The purpose of this work is to apprehend the city as a social and political construct, from historical genesis, economics, and population. In this sense, we have used the concept of urban spreading, Kowarick (1994), which draw attention to the phenomenon of disorganized and sprawling in cities. According to IBGE (2010), the city of Bacabal no., Located in the central region of the state, is one of the ten most populous cities in the state. It is the ninth most populous municipality in the state of Maranhão, with 103,359 thousand inhabitants. a gross GDP of R \$ 1,019,263,000 and per capita of R \$ 9,928.92 per inhabitant. Being cut by BR 316, the city stands as an important regional center in the state. The guiding principle of this research lies in establishing a relationship between the main economic cycles of the city and its impacts on its urban space.

Keywords: Spraying, Urban Space, Economic Cycles and Bacabal

LISTA DE QUADROS

| | |
|--|--------------------------------------|
| Quadro 1 – Estratégias Estatais na regulação urbana | Erro! Indicador não definido. |
| Quadro 2 – Atuação dos promotores imobiliários | Erro! Indicador não definido. |
| Quadro 3 – Usinas de Beneficiamento de Arroz | 25 |
| Quadro 4 - Usinas de Beneficiamento de Babaçu | 28 |
| Quadro 5 - Exemplo da dinâmica do espraiamento na cidade | 36 |
| Quadro 6 – Surgimento de Alguns Bairros | Erro! Indicador não definido. |

LISTA DE IMAGENS

| | |
|---|----|
| Imagem 1- Shopping Pátio Avenida..... | 39 |
| Imagem 2 – Avenida Park Residence, da Lastro..... | 40 |
| Imagem 3- Cidades Jardins | 41 |
| Imagem 4 – Portal das Flores | 41 |
| Imagem 5 - Loteamento Lastro Engenharia, inconcluso..... | 42 |
| Imagem 6 - Loteamento Cidades Jardins | 43 |
| Imagem 7 - Loteamento Lastro Engenharia | 43 |
| Imagem 8 - Loteamento Alto do Mearim..... | 44 |
| Imagem 9 – Loteamentos desconhecidos | 44 |
| Imagem 10 – Loteamento Zeca Aguiar e Colinas de S. Pedro..... | 45 |
| Imagem 11 – Loteamento Cidade Bela | 45 |
| Imagem 12- Loteamento Zeca Aguiar..... | 48 |
| Imagem 13 - Bairro Vila da Paz | 49 |

LISTA DE SIGLAS

| | |
|-------|---|
| IBGE | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística |
| IAPC | Instituto de Aposentadorias, Pensões e Comércio |
| COHAB | Companhia de habitação |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 12 |
| 2 HISTÓRICO DO MUNICÍPIO DE BACABAL, CICLOS ECONÔMICOS E ALTERAÇÃO DOS ASPECTOS URBANOS..... | 16 |
| 2.1 Histórico do município | 16 |
| 2.2 A Urbanização na cidade de Bacabal | 19 |
| 2.3 Os Ciclos Econômicos..... | 20 |
| 2.4 Primeiro Ciclo econômico de Bacabal o Algodão | 21 |
| 2.5 O Ciclo econômico do Arroz..... | 24 |
| 2.6 O Ciclo econômico do Babaçu | 26 |
| 2.7 O ciclo da Pecuária | 28 |
| 2.8 Atual ciclo econômico de Bacabal Comércio e Serviços. | 29 |
| 3 O ESPRAIAMENTO COMO DINÂMICA DO CRESCIMENTO DA CIDADE. | 30 |
| 3.1 Espraçamento e Periferização..... | 32 |
| 3.2 Espraçamento | 34 |
| 3.3 Dinâmica do espraçamento: O Surgimento dos Bairros | 35 |
| 4 BACABAL, SÉCULO XXI, O SETOR DE SERVIÇOS COMO MOLA DA REESTRUTURAÇÃO ECONÔMICA E URBANA DA CIDADE..... | 37 |
| 4.1 Bacabal segregação e continuidade..... | 48 |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 51 |
| REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS: | 53 |

1 INTRODUÇÃO

As modificações no espaço urbano são constantes e não se limitam apenas à vontade dos que nele residem. A partir do momento em que existe a expectativa de desenvolvimento econômico, por uma série de fatores, políticos, econômicos e sociais, logo se percebe um movimento do Estado e do capital privado, para se obter rapidamente um controle e o ganho sob este espaço.

Observamos que, conforme as relações capitalistas de produção se desenvolvem, o chamado espaço urbano sob sua influência, também se transforma. Percebe-se que associado ao desenvolvimento dos capitais industriais, comerciais e financeiro, o capital imobiliário, tende também a se desenvolver. Entendemos que esse processo, se dá de diferentes formas e por vários processos, mas a questão central reside em dois pressupostos básicos, que são, quem produz e para quem se produz. Essa é a lógica básica de expansão do solo urbano, veremos que existem grupos dentro da cidade que disputam o espaço, e serão também essas disputas que marcam o processo de expansão do espaço urbano, PARKER apud VELHO (1967) nos fala o seguinte:

Gostos e conveniências pessoais, interesses vocacionais e econômicos tendem infalivelmente segregar e, por conseguinte a classificar as populações das grandes cidades. Dessa forma a cidade adquire uma organização e distribuição da população que nem é projetada nem controlada. (PARK, apud VELHO, 1967, p. 28)

Esses processos são, portanto, formas de disputas pelo espaço, que vão de um modo ou de outro, caminhando juntos, percebemos que a cidade se torna então uma arena de disputas, ao passo que essas disputas comumente geram apropriações assimétricas dos bônus gerados. E é neste sentido que KOWARICK(1994) fala de processos de *espoliação urbana*, que espoliam, e segregam, muitos grupos em determinados espaços. Por sua vez, os agentes deste processo de espoliação, ditam, criam, e refazem as regras do jogo urbano ao seu modo, CORRÊA (1995), nos diz muito sobre esses grupos, quando se preocupa em identificar os agentes produtores do espaço urbano, que na sua classificação consistem nos proprietários dos meios de produção, sobretudo os grandes industriais; os proprietários fundiários; os promotores imobiliários; o Estado; Grupos sociais excluídos e os Movimentos Sociais. Estes formam e produzem o espaço urbano moderno e que compõem a um tipo de dialética urbana, rememorando aqui Hegel e sua dialética na filosofia.

Estes a seu modo como disse, vão se ajustando e reajustando no espaço urbano, enquanto uns detém o poder da terra, outro tem o de construir, outro de vender, outro

decomprar e há os que são expulsos desta extensão de terra, e vão sendo segregados e espoliados, à medida que os interesses dos de maior poder vai se intensificando.

Nas grandes cidades, onde a atividade fabril é expressiva, a ação espacial dos proprietários industriais leva à criação de amplas áreas fabris em setores distintos das áreas residenciais nobres, onde mora a elite, porém próximo às áreas proletárias. Deste modo, a ação deles modela a cidade, produzindo seu próprio espaço e interferindo decisivamente na localização de outros usos da terra. (CORRÊA, 1995, p. 2)

Esta forma de relação comercial, afeta como visto, o espaço urbano, remodelando e alterando o modo de vida e o crescimento desta cidade, pois de um lado, vai valorizar e de outro vai segregar, dando, por vezes, novos usos ao espaço urbano. Mas o que interessa é, como estes agentes modificam e atuam neste espaço urbano, vimos até aqui que os industriais e os proprietários fundiários detêm o poder econômico e da terra, porém, isso se dá, não somente por eles, mas pelos grupos menores que também desejam e almejam espaço dentro da cidade, CORRÊA (1995) vai nos dizer que *“os proprietários de terras atuam no sentido de obterem a maior renda fundiária de suas propriedades, e que o seu interesse está no valor de troca da terra e não no seu valor de uso, e, portanto, tudo vai depender de quem puder pagar pra habitar, mas aí entra o poder público”*, o mediador portanto deveria ser o poder público, que deveria ser o “organizador” do estado ao ponto de regular os meios e as formas de ação destes atores, porém, vejamos:

A demanda de terras e habitações depende do aparecimento de novas camadas sociais, que tenham rendas capacitadas a participar do mercado de terras e habitações. Depende ainda da política que o Estado adota para permitir a reprodução do capital, como reforço do aparelho estatal pelo aumento do número de funcionários e através da ideologia da casa própria. Os diferenciais das formas que a ocupação urbana na periferia assume são, em relação ao uso residencial, o seguinte: urbanização de status e urbanização popular variando de acordo com a localidade da área. Aquelas bem localizadas são valorizadas por amenidades físicas, como mar, lagoa, sol, verde, etc.; e agem pressionando o Estado visando à instalação de infraestrutura. Tais investimentos valorizam a terra; e campanhas publicitárias exaltando as qualidades da área são realizadas ao mesmo tempo; e consequentemente seu preço sobe. (CORRÊA, 1995, p 2)

Vemos aqui os atores que entram nessa relação cidade e espaço, grupos que disputam este espaço, e são esses, que pressionam o estado a participar e mediar o conflito, que entrando, vai definir as formas e regulações como se deve expandir. Para tanto, o Estado tem se valido das seguintes estratégias: conforme o quadro abaixo elaborado a partir de CORRÊA (1995):

- Fazer uso do direito de desapropriação e ter precedência na compra de terras, é do estado a regulamentação do uso do solo.
- O controle de limitação dos preços das terras e a limitação da superfície da terra de que cada um pode se apropriar.
- A administração dos impostos fundiários e imobiliários que podem variar segundo a dimensão do imóvel, uso da terra e localização.

Contudo, a forma e dinâmica desta expansão, estará a cargo mesmo de um grupo específico de interesse, que é os promotores imobiliários, que possuem a propriedade de estabelecer como e para quem se destinam determinadas áreas da cidade à medida que estas só podem ser acessadas por meio da compra:

- A partir de incorporação; financiamento; estudo técnico;
- Construção ou produção física do imóvel;
- A comercialização ou transformação do capital-mercadoria em capital-dinheiro, agora acrescido de lucro.

Daqui, vamos extrair um termo bem comum que é a “especulação imobiliária” KOWARICK (1994), sendo ela o mecanismo de formação e reformulação do espaço urbano, podemos ver, que, havendo interesse por um determinado espaço ou grupo, haverá uma escalada e especulação de preços por parte do setor imobiliário, a partir da valorização ou promessa de algo rentável, como a instalação de grandes empreendimentos como indústrias, shopping centers e etc.

De fato, a ação dos promotores se faz correlacionada a: preço elevado da terra de auto-status do bairro; acessibilidade, eficiência e segurança dos meios de transporte; amenidades naturais ou socialmente produzidas; e esgotamento dos terrenos para a construção e as condições físicas dos imóveis anteriormente produzidos. A atuação espacial dos promotores se faz de modo desigual criando e reforçando a segregação residencial que caracteriza a cidade capitalista. E, na medida em que os outros setores do espaço produzem conjuntos habitacionais populares, a segregação é ratificada. (CORRÊA, 1995, p. 3)

Os industriais, proprietários e promotores, vão organizando e reorganizando o espaço, O espaço urbano é um lugar de disputas, lugar de interesses, e distribuição desigual, as grandes cidades e pequenas vão criando o seu próprio desenvolvimento à medida que se industrializa o molde urbano inicial, e modifica, de forma sempre desregulada, muitas vezes

empurrado, para a periferia, longe dos serviços públicos e do centro, a população mais pobre. Lúcio Kowarick e Nabil Bonduki (1994) ao refletir sob a segregação em São Paulo, nos dá uma luz acerca de como esse processo se configura:

Não se pode, portanto, afirmar que estes novos loteamentos eram simplesmente bairros esquecidos, como então se dizias, ou que houve “ausência de planejamento”, como se faz referência hoje ao período em estudo. Na realidade, ao fechar os olhos ao surgimento destes loteamentos e depois, de esquecer, sua existência fazia parte de uma estratégia dos órgãos públicos para arrefecer a crise habitacional que, no período pós-guerra, assumia aspectos explosivos, além de beneficiar os interesses dos proprietários de terras e loteadores. Significativo é o recado que o governador Ademar de Barros manda em 1947 à população pobre: “podem construir suas casas sem planta que a prefeitura fecha os olhos”. (KOWARICK, 1994)

Portanto, é a partir deste apanhado conceitual, que se constitui o referencial acerca do que queremos discutir o processo de expansão urbana na cidade de Bacabal, obviamente guardando as devidas proporções. Desse modo, este trabalho está estruturado em três seções, além desta introdução, na primeira, vamos fazer um panorama histórico social de Bacabal desde sua fundação, apresento o referencial teórico que será acionado para entender o processo de crescimento urbano em Bacabal – os condicionantes, os atores, e as relações entre eles e percorrendo também, a dinâmica de seus principais ciclos econômico-produtivos e seus impactos no espaço urbano. Na segunda vamos chamar a atenção para as dinâmicas de espraiamento, e periferização. E por fim, para entender a dinâmica contemporânea mais recente de todo esse processo, na terceira seção, pretendo tratar um pouco sobre as novas urbanidades, empresários e seus empreendimentos e assim, toda a nova dinâmica urbana de Bacabal, inclusive sua mais recente alteração, pela promessa da construção de um grande shopping center, que acabou por reformular e adequar o espaço a essa nova tendência, que terminou frustrada até o momento, e gerou uma paralisia, com a crise econômica e assim o “boom” imobiliário ser freado em Bacabal- MA.

2 HISTÓRICO DO MUNICÍPIO DE BACABAL, CICLOS ECONÔMICOS E ALTERAÇÃO DOS ASPECTOS URBANOS.

2.1 Histórico do município

O município de Bacabal está localizado na mesorregião centro Maranhense, na microrregião do médio Mearim, há 240 km de São Luís, capital do estado, atualmente possui uma população de 103 020 mil habitantes, sendo 22.154 rural e 77.860 urbanas, uma densidade de 61,21 hab./km², tendo uma área total de 1638,074 km² (IBGE, 2010). Até 1876, a região do médio Mearim era habitada por índios da tribo dos Guajajaras e Kreniês (de origem desconhecida). Onde hoje se situa a cidade de Bacabal, estes indígenas cujas localizavam suas malocas¹ no atual bairro do “Juçaral”². A partir desta data 1876, tem início a ocupação por não indígenas com a chegada do Coronel Português Lourenço da Silva que instalou sua fazenda, para o cultivo do algodão e da mandioca, -onde hoje está situada a Praça nossa Senhora da Conceição. Tendo o trabalho escravo como mão de obra neste empreendimento.

No entanto, um pouco mais de uma década da chegada do Coronel Lourenço, ocorreu a Abolição da Escravatura, levando a fazenda à decadência, sendo vendida ao Coronel Raimundo Alves de Abreu, que passou a comerciar com os trabalhadores livres e com os índios. A partir de então, a localidade passou a se chamar Sítio dos Abreus.

O sítio se torna um aglomerado de pessoas e constitui o povoado Bacabal que cresceu, e em 1913 foi criada a Coletoria Federal e a estadual, porém, só em 1920 Bacabal adquiriu categoria de vila, onde anos depois foi inaugurada a iluminação pública. O topônimo originou-se da grande quantidade de Bacabeiras³ existente na localidade, quando e sua fundação. A Vila foi elevada à categoria de cidade em 1938. Tudo isso, trouxe traços de uma convivência urbana sob a região, que passou a desenvolver uma modelagem capitalista primitiva, e com a instalação da fazenda, formou-se um ajuntamento urbano constituído, de escravos, migrantes e índios. Onde assim, criou-se necessidades urbanas, como a comunicação, por meio do Telégrafo Nacional, em 1885.

A partir daí, houve a necessidade de uma comunicação com a capital, temos aqui o início de um aglomerado humano e comercial, que necessitou de uma caracterização física e

¹São um tipo de cabana comunitária utilizada por alguns nativos indígenas, muito comum na região amazônica, principalmente em países como Colômbia e Brasil.

²Devido a incidência de muita juçara, planta nativa dessa região, semelhante ao açaí, o bairro passou a se chamar bairro do Juçaral.

³ É uma planta nativa que era muito comum na região, devido à grande incidência em Bacabal, deu nome ao município.

social de urbanidade, e para isso se faz necessário construirmos um entendimento do que venha ser urbano para entender esse primeiro momento. Para ilustrar o funcionamento de processos como este, podemos recorrer a Lefebvre Apud Azevedo (2012), para segundo o qual o urbano se inicia anterior a industrialização das cidades, e que o urbano é distinto da cidade, enquanto que a cidade é a parte visível e o urbano é dinâmica que se dá a organização dentro da cidade.

Segundo Lefebvre, uma questão fundamental na análise do conceito de cidade é a relação entre “Obra” e “Produto”. Tal relação é também uma tradução da dialética valor de uso/valor de troca e se verifica no decorrer das configurações das cidades. Partindo da definição de que “a cidade é uma obra” (Lefebvre, 1991, p. 12), ou seja, local privilegiado de criação, de estabelecimento de centralidades, de combinação e transformação de relações sociais. (AZEVEDO, 2012, p. 4)

Então, a cidade segundo Lefebvre Apud Azevedo (2012) vai se iniciar a partir de relações, especificamente de uso e troca, onde ele usa os termos obra e produto. Quando analisarmos o início da cidade de Bacabal, observamos que o que dá pontapé inicial é a cultura do algodão, que assim, vai engendrar um ajuntamento de indivíduos, empenhados nessa produção, a obra será portanto o estabelecimento de residências, e com a chegada do telégrafo, ocorre uma transformação das relações sociais envolvidas no processo. Pois a comunicabilidade com o centro industrial, que é a capital São Luís, se estabelece uma centralidade no interior desse ajuntamento, com a instalação de estabelecimentos de comerciais e medidas para o escoamento da produção.

Agora o urbano é a forma como vai se dar essa dinâmica dentro da cidade isso só se dará a partir de 1930 com a criação da vila. Segundo Silva, Lima, (2007) a partir de 1930, foi o ano em que a administração da então vila, passou a se preocupar com a organização de uma planta para que em que houvesse a organização da malha urbana da cidade, a partir daí, vai haver uma certa padronização nas construções, que passaram a obedecer a um plano simétrico, com traçado de ruas paralelas e perpendiculares.

No dia 17 de abril de 1920, a Lei nº. 932 assinada pelo Dr. Urbano Santos da Costa Araújo, que era o então Governador do Estado e elevou o povoado, à categoria de vila⁴, que se apresentava como um segundo distrito do município de São Luís Gonzaga do MA⁵. A

⁴ Vila pode ser considerada, um tipo de cidade pequena um considerável número de pessoas, com uma quantidade de pequenos serviços públicos.

⁵ Segundo dados do IBGE: Os primeiros povoadores do território Gonzaguense foram os portugueses que, localizando-se à margem direita do rio Mearim, formaram pequenos núcleos de lavoura, dando início a uma povoação que, a princípio, denominou-se “Paços” e depois “Vila Velha”, dá em diante com o desenvolvimento do município, passou por diversas modificações, como a sua elevação à categoria de vila pela lei nº 349, de 12 de junho de 1854 e a criação dos municípios de Pedreiras e Bacabal. Pelo decreto-lei nº 820, de 30 de dezembro de 1943.

partir de então, deu-se origem a novas formas de convivência ou urbanidades, envolvidas no início ainda na fazenda, que geraram um urbano já diversificado e modelado em 1930.

O urbano pode ser definido como a dinâmica à qual engendra o tecido social presente na cidade, a centralidade, as relações e atividades desenvolvidas por “seres concebidos, construídos ou reconstruídos pelo pensamento” (Lefebvre, 1999, p. 54).

Tomando por base o conceito de urbano de Lefebvre Apud Azevedo (2012) vamos perceber que só a partir de 1930, A vila que já era elevada à categoria de município e passa a se desenvolver nos moldes de uma cidade, ruas, quarteirões e bairros. Andam juntos, o conceito de urbano e de cidade na teoria Lefebvreviana, sob a diferença que, a cidade é o aspecto físico e o urbano a dinâmica organizacional, intrínseco em sua teoria, é que se forma na cidade um tecido social, que se centraliza e desenvolve atividades, no seio de relações sociais, que pensam, que são concebidas, construídas ou reconstituídas. E aplicando o conceito de morfologia, ou seja, da formação, aí cita-se o material e o social.

Nesta diferenciação, existem dois conceitos importantes, o de morfologia material (cidade) e de morfologia social (urbano), ambos servem para abarcar teoricamente esse processo de urbanização, funcionando como uma totalidade onde os termos estão indissociados (não existe sociedade sem organização do espaço). (AZEVEDO, 2012, 2012)

Por sua vez, Corrêa (1995), em sua obra “O espaço urbano”, acrescenta alguns elementos importantes na discussão sobre “o urbano” e suas dinâmicas:

Em termos gerais, o conjunto de diferentes usos da terra justapostos entre si. Tais usos definem áreas, como: o centro da cidade, local de concentração de atividades comerciais, de serviço e de gestão; áreas industriais e áreas residenciais, distintas em termos de forma e conteúdo social; áreas de lazer; e, entre outras, aquelas de reserva para futura expansão. Este conjunto de usos da terra é a organização espacial da cidade ou simplesmente o espaço urbano fragmentado. Eis o que é espaço urbano: fragmentado e articulado, reflexo e condicionante social, um conjunto de símbolos e campo de lutas. É assim a própria sociedade em uma de suas dimensões, aquela mais aparente, materializada nas formas espaciais. (CORRÊA, 1995, p. 1)

Corrêa (1995), explica que o urbano vai constituir um paradigma que se estrutura a partir do consenso e do conflito, evidenciando os constituintes do espaço urbano, e de como vai correr o processo do uso de ocupação urbana. Então, para Corrêa (1995) o espaço urbano é fruto de uma divisão entre indivíduos, com interesses próprios e que agem e modelam o espaço urbano, e em dados momentos há conflitos entre esses indivíduos. A cidade constitui, portanto, um palco de tensões. Desse modo, podemos considerar que o espaço urbano é o *locus* onde os indivíduos se movimentam e organizam, no tabuleiro, que é a cidade.

2.2 A Urbanização na cidade de Bacabal

Em 1939, Bacabal é elevado à categoria de cidade, assim obtendo autonomia e uma organização político administrativa. Dando sequência, dados mostram que o primeiro prefeito constitucional foi o Sr. Jorge José de Mendonça (1920-1923/1927-1930), assim desde seu primeiro prefeito, até o atual, Bacabal teve 39 prefeitos dentro de 45 administrações.

Em Bacabal existia um porto que servia para escoar a produção algodoeira do município, a chamada Estiva Marítima hoje sindicato dos arrumadores de Bacabal, que segundo Oliveira (2003), “*era porta de saída do comércio da cidade, onde saíam vapores⁶, lanchas e barcos, pois, o único meio de fluxo comercial era o rio Mearim.*”

O rio era a Estrada natural (fluvial), ou seja o único meio de transporte e escoamento da produção para a capital do Maranhão São Luís. Em 1932 é construída uma rampa no porto cujo objetivo era facilitar o embarque e desembarque e desempenho, em geral. Abre-se um caminho entre o centro da cidade e o lugar chamado (forquilha) (atual Rua Gonçalves Dias). Que contribuiu para aumentar a densidade de construção no centro, Sousa (2013).

Porém, com a eclosão da Segunda Guerra Mundial houve uma grande queda na produção e comercialização algodoeira, pois os países compradores envolveram-se diretamente no conflito e, portanto, não tinham mais condições de importação e exportação, devido ao conflito. Como a região possuía terras férteis e grandes canais de escoamento como a abertura da estrada carroçável que ligava o núcleo urbano ao distrito de Caxuxa⁷, na bifurcação da BR 135/ BR 316, permitindo a ligação rodoviária a São Luís e demais cidades, e a ferrovia (Codó e Coroatá), (SOUSA, 2013).

Isso contribuiu para o desenvolvimento comercial com outro produto que começava a ganhar destaque no mercado. Segundo Sousa (2013) valorizou-se o coco babaçu no mercado europeu:

Inicialmente, a produção cresce modestamente por conta da restrição dos mercados externo e interno, mas, no 2º pós- guerra, com a instalação da indústria de beneficiamento no Maranhão e em áreas mais próximas (Piauí e Ceará), a expansão se intensifica consideravelmente, até os anos 70. O volume da oferta de babaçu entre 1960 e 1990 cresce a taxas modestas, mas entre 1960 e 1970 houve um acréscimo de 8%, e, entre 1970 e 1975, de 5%. Entre 1980 e 1990, houve uma queda de 23%. O

⁶ O vapor é uma embarcação, movida por um motor a **vapor** que aciona rodas de água, que são como várias pás, montadas inicialmente à meia-nau, na lateral e depois na popa, e possuem grandes chaminés. Era ainda um transporte muito comum no passado

⁷ O povoado Caxuxa é situado no entroncamento (cruzamento) entre as rodovias, BR-316 e a BR 135, município de Alto Alegre do Maranhão.

ano de melhor performance foi 1980, com 171.973 toneladas. Deste ano em diante, há um recuo acentuado, por exemplo, em 1992, a produção era de apenas 102.160 toneladas, menor do que a de 1960, conforme Censo da Produção do Extrativismo Vegetal e da Silvicultura realizado pela Fundação IBGE. (MESQUITA, 1998, p. 4)

A função extrativa na área se intensifica, e maiores contingentes populacionais são atraídos, muitos deles com frequência pela área urbana, ampliando as funções industriais e comerciais, começam a desenvolver e o núcleo urbano toma uma configuração mais organizada, porém, sem grandes transformações.

Os anos 50, são os “anos dourados” da cidade de Bacabal, pois, a população aumentou substancialmente como diz Oliveira (2003), citando dados do IBGE onde afirma que em Bacabal – MA, no ano de 1950 era de 54,949 habitantes, e em 1960, passou para 108,186 habitantes. Um crescimento de 96,9%. Esse crescimento teve início na administração do prefeito Frederico Léda (1951-1955) e mais adiante na administração do Dr. Antônio Pereira da Silva Neto (1957-1961). Oliveira (2003) ainda diz, *“daí em diante Bacabal se agigantou, foi o tempo do arroz, do algodão, que vinha despontando com muita esperança de progresso. Havia um grande movimento de usinas, que iam da Igreja de Santa Teresinha até o Ramal.”*

As estradas foram sendo melhoradas pela intensa imigração nordestina, devido as sucessivas secas e também pelo grande movimento comercial, na região, que em 1957 houve a inauguração da ponte sobre o rio Mearim, que até então era feito por canoas, pontões e mais tarde uma ponte flutuante foi feita, para a passagem dos pedestres e depois construída uma ponte de concreto, pois, o movimento de carros era grande por causa da colheita do arroz, algodão, milho coco babaçu e outros produtos agrícolas. Sousa (2013) nos diz que anos sessenta a intensidade do fluxo migratório foi menor em Bacabal. Porém, não fez o centro urbano parar de crescer. Com a abertura de novas estradas e a construção da BR — 316 na década de 70 e o seu asfaltamento até a pré- Amazônia maranhense favoreceram a continuidade da expressão da Bacabal.

Para compreender melhor os processos econômicos e sociais que levaram a expansão da cidade se faz necessário entender seus ciclos econômicos e como isso afetou seu desenvolvimento urbano.

2.3 Os Ciclos Econômicos

Tratarei aqui ciclos econômicos, em sua propriedade de trazerem consigo a alteração e remodelação dos aspectos políticos e sociais. Sabendo que ciclos econômicos constitui um tipo de atividade econômica que pode ter pouca ou longa duração. Em Bacabal e região esse

processo se deu de forma conjunta, enquanto um ciclo está ocorrendo, há uma justaposição de uma atividade sobre a outra, especialmente nos momentos de transição. O primeiro ciclo será o do Algodão, e depois teremos o Arroz e juntamente a esses processos teremos o Babaçu.

2.4 Primeiro Ciclo econômico de Bacabal o Algodão

O século XVIII foi o impulso da produção algodoeira no Maranhão, o cultivo desenvolve-se e se expande exportado para a Europa, o algodão torna-se o principal produto exportador do estado do Maranhão, comercializando com a Inglaterra, França e Estados Unidos. Assim o Maranhão torna-se um polo econômico, ao sul temos São Paulo com o café e ao norte e nordeste o algodão maranhense.

Até o terceiro decênio do século XIX a economia do Maranhão poderia ser denominada "a economia do algodão". A participação desse produto na exportação variou entre 73% e 82%, e mesmo nos períodos de crise, a partir de 1845, o algodão continuou a ser o mais importante produto de exportação maranhense, até os primórdios do século XX (CARVALHO,1982). O Maranhão foi pioneiro na industrialização do algodão ao instalar sua primeira fábrica em 1855 (AMARAL, 1958 Apud BARBOSA, 2005, p. 3)

Assim, portanto, o Maranhão torna-se uma potência produtora do algodão, estabelecendo relações comerciais com o mundo, tornando-se, o primeiro produtor e exportador do Brasil, a partir do século XVIII. Porém o mercado para o algodão era instável, ora era lucrativo ora escasso, devido as políticas econômicas que eram regidas pelo mercantilismo, e a disputa com os Estado Unidos, que dispunha de bem mais tecnologia e preparo no cultivo e produção, e enquanto estava estável politicamente vencia o algodão brasileiro, quando em conflito, o americano diminuía e o produto nacional se destacava novamente e assim ganha espaço no mercado internacional. Exportando inclusive para o próprio Estados Unidos.

Durante a Guerra de Secessão americana, 1860-65, o algodão maranhense teve sua demanda ampliada no mercado internacional, contudo, os EUA, ao retomarem sua produção, após o conflito, reverteram esse quadro devido, entre outros fatores, a melhor produtividade dos seus cultivos. (BARBOSA, 2005, p. 3)

A guerra de secessão americana foi um exemplo claro dessa oscilação econômica do maranhão e seu principal produto, enquanto os E.U.A encontrava-se imobilizado pelo conflito, o Algodão maranhense ganha projeção internacional e alcança novos mercados. Porém com o retorno dos E.U.A a produção maranhense permanece mercê de vontades de países que demonstrasse interesse. Juntando isso, a falta de investimentos dos produtores

brasileiros e a elite econômica maranhense tendeu-se ao declínio a produção algodoeira maranhense.

Na fase nacional, esse objetivo não foi conseguido devido à mentalidade e à prática mercantilista dos investidores maranhenses, às condições estruturais, à baixa produtividade agrícola e, também, à concorrência da produção americana com melhores condições de competitividade no mercado internacional. (BARBOSA, 2005, p. 6)

Em Bacabal, o algodão também foi pujante, tendo a Empresa Cotoniery⁸ como principal empresa de descaroçamento de Algodão, Oliveira (2003) nos diz:

Que no tempo da Cotoniery, existia uma estrada de ferro que era para um grande trole⁹ transportar os fardos de algodão, que eram embarcados em lanchas, barcos e vapores, os trilhos, isto é, a estrada de trilhos era da usina até o rio Mearim, onde eram embarcados bem onde é agora o balneário, o nome do porto ou local do porto, era porto do por enquanto”. Daí era exportando através do rio Mearim para São Luís e daí para o mercado externo.(OLIVEIRA, 2003, p. 18)

No início predominaria como mão- de- obra, então o elemento indígena e o negro, que “recém- libertado”, preferiu ficar na terra cultivando o algodão, o milho, o arroz e a mandioca. Com o crescimento da produção do Algodão a Usina Cotoniery exerceu durante anos o monopólio do Algodão em Bacabal.

As transformações urbanas são consequência desse processo, com a vinda da Cotoniery se exigiu uma remodelação urbana do espaço, como a já referida construção de uma linha férrea para o transporte do algodão até ao porto. Daí novas residências são estabelecidas para abrigar os trabalhadores e operários da empresa. Silva, Lima, (2007) nos esclarecem que:

De fato, pode-se apontar sem embargo que nas décadas de 50 e fins da década de 60 do século XX, o município de Bacabal era o terceiro maior centro industrial do estado. Logo, avaliamos que a estruturação desse parque industrial, exigiria um maior consumo energético, o que desencadeou a substituição da usina elétrica gerada por motores, inaugurada em 1931, por outra de maior potencial que foi inaugurada em 24 de dezembro de 1953. (SILVA, LIMA, 2007, p. 20).

Ferreira (2015), mostra que “na década de 1930 a produção de algodão da região continua crescendo. Segundo Musumeci (1988, p.189), em 1935 Pedreiras¹⁰ e Bacabal eram

⁸A Cotoniery era uma empresa de descaroçamento de Algodão, que de 1920 até meados de 1930 foi a principal fábrica de descaroçar a matéria prima. Anos depois um grupo de árabes chamado “a família dos ABUD, compraram a fábrica e ela passou a se chamar CHAMES ABUD, passou a produzir em menor escala, devido ao fim do ciclo econômico do algodão.

⁹O “trole” era um veículo, um carro descoberto ou plataforma sobre rodas, que deslizava pela rua Teixeira de Freitas em direção ao porto da cidade e de lá os produtos transportados eram levados a outras regiões via rio Mearim.

¹⁰ O município de Pedreiras era segundo dados do IBGE, “um local habitado pelos cidadãos Cel. Joaquim Pinto Saldanha, João Emiliano da Luz e José Carlos de Almeida Saldanha, no local onde hoje está situada a cidade,

os maiores produtores do Estado, fornecendo, juntos, mais de 30% do produto beneficiado no Maranhão. ”Provavelmente, na década de 1930, a produção do Mearim derivava de roças de camponeses livres na frente de expansão, já incorporados a economia mercantil. E as famílias de início segundo Sousa(2013), moravam nas fazendas e a cidade funcionava como ponto de troca de mercadorias. Na década de 1920 quando o município foi criado, naquela época sobressaia a lavoura algodoeira. Nas duas décadas seguintes o algodão atingiu um período de maior produção, como já havia dito o que fez ser instalado no município, indústrias de beneficiamento de algodão com a (COTONIERY), que era localizada no bairro do Ramal onde foi vendida, depois da crise do Algodão, para o grupo árabe Chames Abud.

Sousa (2013), ainda nos explica que *“O subproduto do algodão que era o caroço, era ensacado e vendido para fábricas de óleo lubrificante e a torta (bagaço) era aproveitado na alimentação de animais como ração.”* Com o início da Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945), a produção entrou em decadência após o envolvimento dos países compradores no confronto (França e Estados Unidos), o que fez após a Segunda Guerra, a fábrica ser vendida para a família Chames Abud, como já citado, no entanto, a produção já não alcançava mais as mesmas proporções. Encerrava-se o primeiro Ciclo econômico de Bacabal, e com isso, abriu espaço para outro produto importantíssimo e que foi a retomada econômica de Bacabal, que foi o Arroz.

Com o fim do ciclo Algodoeiro em larga escala, no fim do século XIX, resta apenas uma subprodução, que se setoriza em algumas cidades do Maranhão, onde Bacabal se insere, pois com o declínio da produção algodoeira percebemos, que há uma mudança de larga escala para uma microescala uma relação comercial doméstica e com poucos recursos metodológicos. E de um estado tendo o algodão como principal produto exportador, agora dá uma mudança para os grãos e cereais, assim, mudando para o arroz, feijão e milho e outros cereais, despertando um fluxo migratório, devido à seca nordestina¹¹, o que ocasiona, uma migração desenfreada para a região do médio Mearim, assim, diversos retirantes, do Ceará, Piauí, Paraíba e Pernambuco, terminam por migrar para o Maranhão. Assim se fixando em

fixaram suas residências. Fizeram-se acompanhar por nacionais e escravos e exerciam suas atividades comerciais e industriais-agrícola. Atendendo ao desenvolvimento em geral, passou a localidade a denominar-se “Povoação”, e atribui-se que o nome de Pedreiras é oriundo do grande bloco de pedras existentes na margem esquerda do Rio Mearim”. Hoje é um dos municípios importantes do Maranhão.

¹¹ A seca sempre foi persistente no Nordeste, desde a falta de interesse político, devido ao coronelismo até realmente um planejamento estratégico para a região, tivemos nas décadas de 50 e 60 grandes secas que ocasionaram êxodos e uma busca por regiões de “melhores” condições de sobrevivência. Os locais eram sobretudo a região sul e sudeste, porém como se trata neste trabalho, o Maranhão recebeu inúmeros trabalhadores dos estados atingidos e castigados pela seca.

áreas cultiváveis, como o médio Mearim, Ferreira (2015) nos traz a seguinte citação acerca desse momento: e aqui se dá-se o primeiro salto populacional de Bacabal.

Enquanto em 1940 e 1950, Pedreiras aparecia como maior cidade do Médio Mearim, a partir de 1960, Bacabal desponta como maior centro da região e Ipixuna, apesar de apresentar um crescimento significativo, persiste como a menos expressiva das três cidades ao longo dessas décadas de maior fluxo migratório da região. Entre as décadas de 1920 e 1940, Pedreiras (4,03%) Bacabal e Ipixuna (5,46%) apresentam taxa de crescimento muito superior ao Estado do Maranhão (1,74%), possivelmente o incremento demográfico deve-se ao fluxo migratório de nordestinos, intensificado na região a partir de 1930. (FERREIRA, 2015 p. 14).

2.50 Ciclo econômico do Arroz

Bacabal voltaria a retomada da economia, nas décadas de 1950 a 1970, com a grande produção de arroz no município, tendo como fatores principais, a chegada de grande número de migrantes nordestinos, que se dedicam ao cultivo de arroz. Devido à grande quantidade de terras devolutas e inexploradas que a medida que esses trabalhadores aqui se estabeleciam, iam explorando e cultivando (SOUSA,2013). Aterra foi a alternativa que deu um impulso ao ciclo econômico mais duradouro do município de Bacabal, o ciclo do Arroz.

Com o fim dos anos produtivos do algodão houve uma mudança para o arroz, que fez com que fossem instaladas várias usinas de beneficiamento de arroz, situado no bairro Ramal¹². Segundo Oliveira (2003) “*As usinas de beneficiamento de arroz em grande escala, fez o comércio tomar um grande impulso, valia a pena ver o movimento desde a igreja de Santa Terezinha até o Ramal, quase tudo eram de usinas de beneficiamento de arroz, e compra do mesmo.*” Estima-se que tenha existido 25 usinas de beneficiamento de arroz, sem contar as de extrativismo vegetal, mais de 20, que citaremos algumas mais à frente.

O bairro do Ramal se transformou em um verdadeiro parque industrial, de onde chegavam e saíam frotas de caminhões carregados de arroz para outros estados, principalmente os da região nordeste. Com a BR-316, Bacabal estava conectada ao resto do Brasil e melhorou a exportação do arroz aqui produzido. Bacabal em 1968, se torna o principal município exportador de Arroz do Estado do Maranhão, Segundo Sousa (2012), Bacabal chegava a produzir 15,268 toneladas de grãos sendo 5,800 toneladas de arroz.

Há uma forte relação entre o declínio do algodão e a transição para o arroz, que foi a forte imigração e a constante alteração do espaço, pois, é claro que com tantos habitantes o

¹² O bairro Ramal é situado próximo ao centro, foi onde se estabeleceu os polos industriais, ou seja, a fábrica de Algodão a já citada, Cotoniery, e as usinas de arroz. Após o declínio econômico restaram ao bairro só as velhas estruturas do que já foi indústrias em Bacabal. (OLIVEIRA,2003, p. 17)

espaço é remodelado e reorganizado. Vemos que ocorrerá um volume grande de nordestinos em busca de terra cultiváveis, trabalhadores das usinas e migrantes da seca.

Na década de 1950 ocorre o maior impulso demográfico da região, com taxa de crescimento de 8,41%, próxima ao dobro da apresentada pelo Estado 4,64%. Pedreiras apresenta um crescimento menos expressivo que as demais cidades (5,10%), enquanto Ipixuna e Bacabal crescem 10,30%. (FERREIRA, 2015 p. 15).

Todo esse progresso e desenvolvimento industrial perdeu sua glória e seu vigor com a crise do arroz, provocada pelo crescimento da pecuária e por falta de tecnologias que fizessem a produção continuar, se tornou difícil manter esse ritmo, o que fez com que as usinas fossem fechadas uma a uma e o falecimento de seus donos, e os herdeiros não souberam continuar a produção, as indústrias fecharam e Bacabal encerra assim o seu segundo ciclo econômico, que durou apenas duas décadas, perdurou algumas indústrias que terminaram por não resistir e fecharam também. Sousa (2013) ainda diz mais *“Bacabal era na época o principal município exportador de arroz. A falta de investimento em novas tecnologias para a agricultura (mecanização, adubação, irrigação) provocou a baixa produtividade das lavouras.”*

Houve ainda com a instalação de fazendas para a criação de gado, houve conflito entre os posseiros e fazendeiros que acabou provocando um êxodo rural, e influenciou na queda do cultivo e produção do arroz e contribuiu para o fechamento das usinas também. Em consequência, o aumento do êxodo rural, provocou o crescimento demográfico desordenado da cidade, algumas usinas no quadro abaixo:

Quadro 3 – Usinas de Beneficiamento de Arroz

| Usinas de beneficiamento em Bacabal |
|---|
| Usina do Sr, Oscar Martins hoje Armazém Paraíba |
| Usina do Sr. Maneco Mendes hoje Trizidela |
| Usina do Sr. Romeu Fernandes hoje Brasillar |
| Usina do Sr. José Neves hoje Bradesco |
| Usina do Sr. Tota hoje SEBRAE |
| Usina Só cereais antiga Brahma |
| Usina Cotonifícil antiga Coca- cola. |
| Destaca- se também a indústria de torrefação e empacotamento de café, conhecida como: Café Bacabal — exportando café para todo o estado e estados vizinhos. |

Fonte: <http://www.oobservador.net/cgi-bin/materia.asp?IDMATERIA=49>

2.6 O Ciclo econômico do Babaçu

Este ciclo econômico foi importante, se deu quase ao mesmo tempo ao do arroz, Segundo Sousa (2013), “*em 1968 a produção de amêndoas de babaçu alcançou 3900 toneladas.*” A produção do babaçu teve importância muito grande a partir da decadência da cultura do algodão, na década de 1940. O município passou a desenvolver atividades extrativistas, pois, viram na palmeira nativa uma fonte de riqueza, pois, pode ser aproveitada muitas coisas da palmeira nativa do babaçu, desde o fruto que é de onde se extrai o óleo e o leite. Deste mesmo fruto se faz o carvão e ração para o gado, também da massa da entrecasca pode-se produzir bolo, mingau, chocolate e serve ainda para a fabricação de detergente, sabão, margarina, cosmético, asfalto, etc. Inclusive as folhas podem ser aproveitadas para cobrir casas, fazer confecções e artesanato e fornecer celulose para a industrialização do papel.

A cultura extrativista tem início ainda na época do Algodão, como uma segunda opção frente ao declínio algodoeiro, se ver como uma opção pois o algodão já não detinha todo o vigor econômico:

Com a libertação dos escravos e a concorrência externa acirrada nos mercados do algodão em pluma, essa agricultura comercial sofre um golpe muito grande. A consequência é uma completa desarticulação em termos de mercado e a nível de produção. E, para não submergir por completo, a alternativa é adaptar-se às regras dominantes do mercado: trabalho livre (assalariado ou não) e desvinculação privilegiada do mercado externo. E neste sentido que: “em termos estruturais assiste-se a um parcelamento da grande propriedade (latifúndio) e, conseqüentemente, a proliferação de pequenas áreas (de proprietários ou não) responsáveis pela produção, agora, de matéria-prima comercial importante como o tradicional algodão, mas sobretudo pela produção de subsistência que passa a ganhar importância juntamente com um produto até então desconhecido do mercado o coco babaçu” (MESQUITA, 1990, p. 3).

A partir daí, como nos diz Sousa (2013), “*o comércio de amêndoa do babaçu se intensificou bastante. O que levou ao surgimento de várias usinas de beneficiamento, tais como: Brasól e o, Incomnésia, Ofinosa¹³ S. A do nordeste BIASA.*” Usinas particulares e que seus produtos eram exportados para Nordeste e região, que juntamente com as usinas de arroz, contribuiram para o desenvolvimento econômico e urbano da cidade de Bacabal, pois assim, mais trabalhadores estavam migrando e conseqüentemente residências seriam produzidas para esses habitantes, ainda que de modo precário, porém, expandiam assim, a malha urbana da cidade.

¹³ Estas usinas, são de poucas informações, como dito eram particulares e apenas de lucro doméstico, e o período que aqui estiveram foi apenas durante o ciclo econômico do Babaçu, o que com o fim, “as fábricas de óleo” entraram em decadência e fecharam, os registros são mínimos e orais.

A frente dessa expansão da agricultura encontra-se, até este período, a pequena produção mercantil de lógica não capitalista, executada por posseiros (ocupantes), arrendatários, parceiros e pequenos proprietários. São estes os responsáveis pelo aumento considerável da produção de babaçu a partir da 1ª Guerra Mundial. Por exemplo, entre a 1ª grande guerra e 60, a maior taxa de crescimento se dá entre 1950/60 com 90%, sendo que, de 1940/50 a expansão é de 45%. Em termos absolutos, a situação é essa: 40.000 toneladas em 1940; 58.000 toneladas em 1950 e 110.000 toneladas em 1960 [AMARAL FILHO, 1990, p. 59]. (MESQUITA, 1990, p. 3).

Vamos ter então, um desenvolvimento econômico a partir do babaçu, que em substituição ao algodão e em concorrência com o arroz movimentava a economia do Maranhão e de Bacabal, a cidade com as usinas de arroz como já dito e as fábricas de óleo do babaçu e a produção e as cooperativas faziam a dinâmica econômica voltar-se na produção e exportação, fazia Bacabal ser o terceiro maior distrito industrial do estado, claro como já dito, uma indústria ainda primitiva, e segregada nas mãos de poucos, mas entendemos aqui toda uma dinâmica produtiva, que produziu no espaço urbano bacabalense, um traçado populacional, entre as décadas de 1920 a 1970, Bacabal viveu um “progresso” e um desenvolvimento econômico e urbano, novas moradias e cada vez mais trabalhadores para a fábrica e a indústria.

Tal expansão deve-se também pelo algodão para o abastecimento do parque têxtil maranhense mas, sobretudo, pela produção de crescente excedente de arroz exportável para os mercados regional e nacional, cujo papel no processo de acumulação do núcleo dinâmico da economia é fundamental na medida em que possibilita o rebaixamento dos salários e dos custos de matérias-primas para o setor industrial ampliar ainda mais seu excedente, (OLIVEIRA, 1972, p.16).

Contudo, o babaçutambém experimentou sua crise no Maranhão e como diz Sousa (2013) “*por falta de uma política de planejamento em nosso estado, ocorreu a decadência da produção. Além desse fator, destaca-se também a concorrência com óleo de soja, devido à grande produção no sul do estado (região de Balsas).*” Isso fez com que Bacabal também fosse afetado sendo que não existem mais indústrias extrativistas na cidade.

O que vemos é que com isso nas últimas décadas, Sousa (2013) explica que “*presenciamos a ocorrência de derrubadas de grandes quantidades de palmeiras*” como a proibição por parte de alguns proprietários de fazendas, a entrada das quebradeiras de coco em suas propriedades, que levou a busca de alternativas para o aproveitamento dos produtos derivados do babaçu (artesanato, sabonete, papel, cosméticos e complemento alimentar, carvão e asfalto).”

O que ainda existe em Bacabal é uma usina de beneficiamento da casca do babaçu (Pacífico de Paula situada na BR 316), transformando-a em carvão vegetal, que tem um

grande aproveitamento como fonte de energia e também como filtro nas indústrias, mas não como motor econômico para o município. Atualmente no município, existem fábricas de sabão que utilizam o óleo babaçu, como matéria- prima, tais como: Aiscol e Unióleo.¹⁴ Podemos ver algumas usinas no quadro abaixo:

Quadro 4 - Usinas de Beneficiamento de Babaçu

| Usinas de Beneficiamento do Babaçu | |
|------------------------------------|----------|
| Incomesa | Brasóleo |
| Biasa | Ofinosa |

Fonte: <http://www.oobservador.net/cgi-bin/materia.asp?IDMATERIA=49>

2.7O ciclo da Pecuária

Sousa (2013) nos diz que “A *pecuária também esteve presente na instalação da fazenda do Coronel Lourenço da silva, mas no início era apenas uma das formas de garantir o alimento para os moradores da futura cidade*” temos a instalação de diversas fazendas, pelo município, utilizando técnicas bastantes rudimentares, por exemplo: o gado ficava solto no campo e uma ou duas vezes por ano, era recolhido para o manejo dos animais.

Bacabal foi marcado, pelo subdesenvolvimento, o latifúndio e concentração da renda. Alguns criadores, dedicam- se apenas a criação do gado bovino destinado ao corte. Para isso a raça mais utilizada, é a nelore¹⁵. Segundo o IBGE (CENSO,2000) essa criação atingiu 57.100 cabeças de gado. Num primeiro momento houve uma indústria que foi polo de empregos e desenvolvimento para Bacabal a FIBRAL Indústria de exportação de carne bovina, mas por alguns problemas acabou sendo desativada. O leite Bacabalense não é destinado à exportação devido à baixa produtividade, e é utilizado apenas para o consumo interno da população. Segundo o IBGE a produção de leite corresponde a 1.896.300 litros. (Censo de 2000).

Bacabal além da criação de bovinos, tem ainda a criação de suínos, sendo feita de forma extensiva, nos campos abertos e destinado ao consumo doméstico.Desenvolve- se a

¹⁴ O mesmo se aplica a estas empresas, no sentido de informações, vagas e desencontradas, se tem apenas noção de que um dia existiram e findando o ciclo econômico se findaram essas empresas.

¹⁵ Segundo Débora Carvalho Meldau, o Nelore é o mais criado para a produção de carne, adapta-se extremamente bem ao regime de pasto, resistindo aos ecto e endoparasitas. A fertilidade desta raça é elevada e comprovada devido a sua extensão no país todo, uma vaca adulta chega a pesar 600kg, enquanto um touro pode chegar facilmente aos 1200 kg.

criação de ovinos, caprinos, equinos, muares e asininos que são de pequena expressão no município, destinado ao trabalho e aos serviços domésticos. A agropecuária vem tomando rumos bem produtivos em Bacabal, apesar de não ter tecnologias avançadas e tanto investimento é um dos ramos que mantém viva a economia bacabalense.

2.8 Atual ciclo econômico de Bacabal Comércio e Serviços.

Talvez esse é o principal ramo econômico da cidade atualmente, ao lado do setor de serviços dominando a economia bacabalense. Como diz Sousa (2012) *“Centro de comércio de grande importância, do Médio Mearim, Bacabal é ponto de convergência e comercialização de vários produtos para os municípios vizinhos, interligados a Bacabal pela BR- 316 e pelo rio Mearim. Foi no estado, o maior exportador de arroz beneficiado.”*

Desde a década de 1950, identifica-se a presença de importantes casas comerciais dentre eles destacavam-se: Urucânia, Casa Itapecuru, Rio Anil, Casa Laje, Loja Garibalde, que abasteciam da região com produtos variados, surgindo posteriormente, outros de abrangência regional e nacional como: Armazém Paraíba, Casas Pernambucanas, Armazém Paulista. Hoje temos um comércio bastante variado com produtos específicos, como: calçadeiras, livrarias, concessionárias de automóveis, butiques, lojas de departamentos e farmácias, Sousa (2013).

Dentro da cidade existem áreas comerciais de grande importância, onde o Comércio é efervescente sendo as ruas: Getúlio Vargas, Rua Osvaldo Cruz, Rua Magalhães de Almeida, Rua Benedito Leite, Centro Comercial Coelho Dias, Mercado Central, Travessa da Mangueira, Mercado da Rodoviária, BR- 316.

Já o centro de consumo e comércio de maior porte é o Armazém Paraíba, que se destacou dentre todos os empreendimentos comerciais. Foi a empresa que muito empregou e emprega no município, é a loja que mantém um certo monopólio por muito tempo, inclusive, se pudesse afastava outros projetos para evitar a concorrência, nos dias atuais Armazém Paraíba, disputa com as Lojas Americanas e Avenida S.A, Lojas Noroeste e outras mais que fazem parte do comércio de Bacabal.

3 O ESPRAIAMENTO COMO DINÂMICA DO CRESCIMENTO DA CIDADE.

Temos que com a chegada dos migrantes na década de 1950, iniciou-se uma demanda de trabalhadores que necessitavam conseqüentemente de habitação, isso fez com que os governos municipais se empenhassem no sentido de tratar propriamente das questões do espaço urbano, ocorre que alguns proprietários de terras foram cedendo e lucrando sob a venda indiscriminada de terras, Bacabal era até 1952, reduzida a apenas três bairros tendo suas terras em mãos de latifundiários que com tempo foram abrindo espaço para o desenvolvimento urbano do município. Segundo Oliveira (2003):

Em Bacabal existiam apenas 3 Bairros quando ele aqui chegou em 1952. Eram os bairros Trizidela, Ramal e Juçaral. Já existiam comércios nesses bairros, só que o do bairro do Juçaral era mais movimentado que o da Trizidela, mas era bem movimentado também. Os demais bairros são de 40 anos para cá”.(OLIVEIRA, 2003)

O boom habitacional de 1952, acontece, devido a instalação das usinas de beneficiamento de arroz na cidade, criando um ambiente de crescimento e alteração do espaço urbano. Como já citado “Em Bacabal – MA no ano de 1950 a população urbana era de 54,949 habitantes, e em 1960, passou para 108,186 habitantes, um crescimento de 96,9%.” Oliveira (2003). Bacabal se torna um polo industrial primário, que produziu um substancial crescimento populacional e econômico.

Bacabal foi uma economia localizada de aglomeração até 1970, quando se dá o declínio da dinâmica industrial, porém, já explicitado no primeiro capítulo, o modo arcaico e não muito dinamizado dos empresários e industriais, a falta de tecnologia e inovação, produziram a perda de mercados, e conseqüentemente a fuga de capital e a migração dos negócios para outras cidades de melhor localização.

A indústria Bacabalense era concentrada em setores tradicionais e primários, do Algodão, de 1920 a 1950 do Arroz e Babaçu de 1950 a 1970, houve um período de crescimento econômico, o que trouxe conseqüências na constituição urbana do município, com um industrialização crescente e diversificação temporária, migrantes vinham do Ceará, Piauí, Paraíba e Pernambuco, e estabeleceram morada, pois vieram para trabalhar nas indústrias de beneficiamento de arroz e babaçu, houve então, um crescimento populacional de 1950 a 1970. Bacabal se tornou o terceiro distrito industrial do Estado, onde se tornaria referência e crescia constantemente.

Entre as décadas de 1920 e 1940, Pedreiras (4,03%) Bacabal e Ipixuna (5,46%) apresentam taxa de crescimento muito superior ao Estado do Maranhão (1,74%), possivelmente o incremento demográfico deve-se ao fluxo migratório de nordestinos, intensificado na região a partir de 1930, segundo registra a produção acadêmica. (FERREIRA, 2013, p. 14)

Mesmo com esse dinamismo, o vigor industrial de Bacabal foi limitado e secundário, diante dos centros com um maior dinamismo e tecnologia avançada, os meios de produzir com mais efetividade que Bacabal, apesar de regionalmente ser referência, cidades como Caxias e Codó também industriais viram suas indústrias se desgastarem e falirem, restando apenas a capital que tinha os meios e recursos para continuar o desenvolvimento econômico.

As economias de aglomeração podem ser definidas como os ganhos econômicos advindos da concentração geográfica das atividades produtivas. Tais ganhos podem se manifestar de diferentes formas: através da difusão local do conhecimento, da redução dos custos logísticos, do surgimento de atividades complementares, do adensamento do mercado de trabalho, entre outros. Entretanto, as forças aglomerativas podem se comportar como uma parábola, atingindo um ponto de máximo, e a partir de então proporcionando “deseconomias” de aglomeração. Como as atividades industriais são, sobretudo, urbanas, tais movimentos estão essencialmente ligados ao processo de expansão populacional e econômica das cidades.”(DALBERTO, STADUTO, 2013, p. 3)

Falar de economia de aglomeração, falamos de economia localizada ou de localização, firmas escolhem determinada localidade e ali constituem sua sede e sua produção, quando falamos de usinas de beneficiamento de arroz, Bacabal, desde o início de sua história foi uma terra bem cultivável e de grandes colheitas, que fizeram os usineiros se interessarem e ao mesmo tempo a localização central da mesorregião central do estado do Maranhão, cortada pela BR 316 e de rápido acesso à capital do Estado, 266 km. Inclusive na época do Algodão, o trilho, o porto e o rio eram os motores do município algodoeiro, que dentro de um curto tempo tona-se um parque industrial do Arroz. Concorrendo então com os vários municípios Caxias e Codó e São Luís.

As usinas surgem a partir da necessidade de se beneficiar o arroz aqui produzido, não só pela cidade, mas pelo município e a região. Que se torna uma produtora forte do produto e exportadora também. Não se instalou apenas uma usina, mas várias, um parque industrial. Não podemos esquecer da amêndoa do Babaçu, que foi também um dos principais produtos aqui produzido e exportado. Assim, compreende-se como uma dinâmica industrial, de localização, porém, diversificada e urbanizadora, pois a consequência direta foi a migração de pessoas de outros estados que para cá vieram em busca de melhores condições. Neste sentido, o setor industrial casou desenvolvimento econômico e remodelação do espaço urbano, mesmo que isso foi temporário e logo declinou, mas a configuração espacial da cidade se constituiu a partir desse modelo de crescimento urbano e econômico.

Teríamos, portanto, não apenas uma e sim duas racionalidades articulando a ação de aglomerar. Uma racionalidade que busca a especialização, a concentração de empresas da mesma indústria, como forma de busca por maximização, e outra racionalidade que, buscando o mesmo objetivo, procuraria localizações capazes de concentrar uma boa oferta de infraestrutura e diversidade da atividade econômica. A primeira racionalidade seria típica das aglomerações industriais tipo Terceira Itália (o renascimento dos distritos marshallianos); a segunda racionalidade, típica das aglomerações industriais metropolitanas. (TINOCO, 2003, p. 4)

Bacabal experimentou um crescimento local espantoso, sua malha urbana se espalhou e sua atividade industrial foi produtiva. Por um bom tempo Bacabal se tornou o 3º maior distrito industrial do estado, sendo conhecido em todo o estado por seu desenvolvimento econômico industrial, e expandindo-se pela infraestrutura e ampliando o setor de bens e serviços.

A dimensão setorial está na base da literatura empírica sobre as economias de aglomeração. Especificamente, diz respeito a dois tipos de externalidades: de especialização, que exerce influência dentro de um setor específico; e de diversificação, que atua sobre todos os setores. (ARAÚJO, GONÇALVES, ALMEIDA, 2013, p. 3).

Nota-se que indústrias que se instalaram em Bacabal, a seu modo modelaram o espaço urbano e econômico, por um determinado tempo.

A industrialização bacabalense, teve papel importante no seu crescimento urbano, com o fim das indústrias, porém, aos poucos o setor de serviços foi dando forma e composição a cidade, que no novo milênio produziria uma nova dinâmica

3.1 Espraçamento e Periferização

Definimos como espraçamento, o processo de crescimento periférico da cidade, ou seja, as condições e formas de habitar que se dão de maneira desigual, desajustada e sem controle, Borges (2004). Não há, contudo, um modo organizado, mas sim, uma periferização do espaço, à medida que se vai permitindo a construção precária, ruas e bairros sem estrutura, que crescem de modo constante, à medida que chegam os trabalhadores e migrantes.

Esse modo de crescimento revela a forma predominante. O que explica isso é como diz Borges, Rocha, (2004), todas as cidades são reflexo da produção do capital, revelando-se capitalistas, a periferia, integrada a esse espaço, apresenta-se como um produto, ou seja, uma evidência do desenvolvimento desigual e combinado.

Não é uma opção aos trabalhadores, mas essa era a dinâmica, se dá de um modo em que o poder público finge que não vê as negociações com os donos dos terrenos. E dessas negociações vão se produzindo a criação de bairros novos, além das ocupações e construções

irregulares, assim surgiam os bairros. Em dados momentos movimentos informais de moradores se reuniam sob uma liderança e ocupavam terrenos e a prefeitura logo após regularizava os terrenos, e ali se transformava em um bairro, Em Bacabal tem-se o caso dos bairros Setúbal e Pedro Brito, que nasceram de uma ocupação, também o Bairro Novo Bacabal. Os Bairros cedidos por negociações vemos a Vila São João e também, vemos o bairro do Maxixe, hoje Bairro da Esperança. Onde se negociava com os donos, parte ou todos os seus terrenos, para construção de habitações e passagens de ruas e avenidas.

Entendemos que periferia não é apenas um local físico e distante do centro da cidade, mas refere-se aos bolsões de pobreza e falta de investimento público no seio da cidade, por vezes até no centro, sejam distantes ou próximas ao centro, pode-se entender aqueles bairros que nascem sem a devida regularização e assim sem as condições urbanas necessárias, segregado e informe.

De fato, percebe-se que a população dessas regiões, em sua maioria, mora em habitações precárias (favelas, cortiços e casas autoconstruídas em terrenos destituídos de serviços públicos ou em regiões centrais degradadas) e sobrevivem com uma baixa renda monetária por mês, revelando um acentuado grau de pauperismo e precárias condições urbanas de existência. (BORGES, ROCHA, 2004, p. 3)

O município de Bacabal no auge de seu desenvolvimento econômico cresceu de maneira desordenada e segregada, sob o limiar de uma periferização do município e é aqui, que se tem, o motivo de uma cidade totalmente desservida de serviços públicos e semi-rural.

Dessa forma, apesar do dinamismo na geração de empregos, a velocidade do processo de migração despejou nas cidades um contingente de população que não pôde ser totalmente absorvido no mercado de trabalho formal. Acumulam-se, nas cidades, grandes massas de força de trabalho excedente (conhecidos como exército de reserva), a qual passa a sobreviver recebendo migalhas de renda gerada no núcleo capitalista. (BORGES, ROCHA, 2004, p. 6)

Assim temos uma gama de moradores espalhados (espraiado) sob a malha urbana. Podemos ter como exemplo como já citado, o bairro novo Bacabal e o centro, o centro e o bairro da Santos Dumont. Que são exemplos de periferias dentro do centro da cidade, bairros sob condições periféricas, mas que estão próximos ao centro se não por vezes considerados centro.

A dinâmica que Kowarick (1994) nos coloca em relação ao crescimento de São Paulo no pós-guerra, que é um modo de crescimento urbano, que é o padrão de crescimento periférico:

A consolidação do padrão periférico de crescimento urbano foi de grande importância, pois gerou uma solução habitacional - baseada no trinômio loteamento

periférico/ casa própria/ autoconstrução - que em São Paulo representou a principal opção de moradia encontrada pelos setores populares até os anos 70. (KOWARICK, 1994)

Esse padrão se fez presente no processo de expansão urbana bacabalense, A autoconstrução foi o meio comum de construção das residências, de modo precário e sem qualquer padrão, a não ser o próprio instituído pela lógica vigente que é periférico.

3.2Espraiamento

Nadalín, Ingiori, (2015) *“Definimos como espraiamento urbano o crescimento urbano que é desconcentrado, não denso e que deixa vazios urbanos dentro da mancha urbana. ”* Assim, se vai expandindo, mas sem conteúdo estruturado e nos leva a um conceito de periferização, ao modo que se cresce sem plano e desordenadamente produz uma periferia não apenas afastada do centro, mas por toda a cidade.

Uma característica relacionada ao espraiamento urbano é a periferização da população. Sejam as classes de baixa renda, sejam as de alta renda (atraídas por promessas de maior segurança), às famílias moradoras das zonas geograficamente periféricas tendem a despendar maior tempo em seus deslocamentos pendulares (casa-trabalho) e a ter menos acesso à infraestrutura urbana. Em termos sociais o problema é relevante, pois a maior parte do movimento de periferização cabe à população de baixa renda, o que gera desigualdade social espacial.(NADALIN, IGLIORI, 2015, p. 2)

Esse modo de crescimento é perpendicular aos grandes centros urbanos, porém, as pequenas cidades o efeito do Urban Sprow (Espraiamento Urbano) é evidente, ainda mais em uma cidade como Bacabal que cresceu sem controle já de início, relatos dos mais antigos como *“Bacabal era quadrada, hoje é impecorrível”* , mostra uma forma de crescimento periférica e ao mesmo tempo sem controle e quando o há é a serviço de grupos de interesses e levam a população de baixa renda a se reorganizar dentro do espaço de acordo com interesses diversos.

Assim, uma definição utilizada por urbanistas e planejadores urbanos norte-americanos é: urbanização em baixas densidades, não planejada, dependente do automóvel, com alternativas construtivas homogêneas e esteticamente desagradáveis (KNAAP &TALEN, 2005).” (NADALIN, IGLIORI, 2015, p. 4)

Você tem então, uma cidade que não possui barreiras e nem organização, através de uma esparrama que se centra entre, a acessibilidade e o uso da terra, que se confunde, entre locomoção e acomodação, porém, vai se dando também a partir de conflitos, mas sobretudo interesses e atores dentro da cidade.

Já bem frisado por Oliveira (2003), em Bacabal, existia apenas três bairros quando ele aqui ele chega em 1952, sendo um fato interessante que Oliveira (2003) conta, é que na administração de Frederico Léda é que se deu início ao processo de crescimento e urbanização de Bacabal, pois, Oliveira (2003) conta que foi agente municipal do governo Léda e foi uma espécie de “Articulador Urbano”, com a vinda de migrantes de todos os estados do Nordeste ele diz que

Lançamos mão do que era possível para acomodar todos os que vinham para morar, abrindo ruas entrando em entendimento com as pessoas que eram só apossados dos terrenos e neles tinham soltas para animais, nós conseguimos com os apossados e donos de soltas, para abrir as ruas, e eles vendiam como sendo os seus direitos em pedaços por preços quase simbólicos para os que precisavam construir suas casas, e foi assim que Bacabal começou a crescer. (OLIVIRA,2003, p.22)

3.3 Dinâmica do espraiamento: O Surgimento dos Bairros

Segundo Oliveira (2003), a rua do Trilho, hoje Teixeira de Freitas foi completada até a rua Gomes de Sousa e abriu-se uma rua paralela a ela, a rua do Maxixe, que deu nome ao bairro do maxixe, que se deu a partir um local de eventos que pertenciam a um homem que comprou dois lotes para festas noturnas, e tinha o nome de “maxixe”.Com o crescimento do bairro, o local foi fechado e o nome foi mudado de rua do maxixe, para rua da Esperança e de bairro do maxixe, para bairro da Esperança, assim do centro aos bairros a cidade foi espraiando vejamos exemplos nos quadros abaixo:

Quadro 5 -Exemplo da dinâmica do espraiamento na cidade

| Exemplo da dinâmica do espraiamento na cidade |
|---|
| Havia um aeroporto de médio porte que com o crescimento foi sendo sufocado e teve de ser transferido para fora da cidade e ficou menor. Hoje é parte do bairro do maxixe e Luís Domingues. |
| O Bairro Cururupu, surgiu a partir de um cemitério de animais era conhecido como Alto Esqueleto, existia um posseiro de uma vasta extensão de terra e possuía uma olaria e um salão que promovia festas de umbanda. A prefeitura teve a ideia de abrir ruas nesse terreno, e entrou em entendimento para permitir a construção de assentamentos para a população, foi difícil, mas o homem cedeu. Daí várias casas foram sendo construídas e várias ruas foram abertas. |
| A Cohabinha foi a primeira área de ocupação na cidade de Bacabal, Existia a Cohab I, e uma área de terra, próximo ao conjunto habitacional, que era particular e foi ocupada essa foi a primeira ocupação para habitações em Bacabal, que se deu no ano 1976, e por estar próxima ao bairro Cohab, chamaram de Cohabinha. |

Fonte: OLIVEIRA (2003)

Vimos, portanto, o modo desorganizado e expansivo dos bairros, sem um planejamento e de modo informal, como lembra Kowarik (1994), o padrão periférico de crescimento, a autoconstrução, ocorrendo um crescimento sem ordem e irradiando para as bordas da cidade, espraiando e periferizando ao mesmo tempo.

Diante do desenvolvimento econômico, advindo das indústrias de beneficiamento de arroz e das usinas de óleo, os aspectos urbanos foram sendo modelados de acordo com a lógica desses mercados, surgiram novos bairros a partir destes processos, e devido também ao grande fluxo migratório na região do Médio Mearim.

4 BACABAL, SÉCULO XXI, O SETOR DE SERVIÇOS COMO MOLA DA REESTRUTURAÇÃO ECONÔMICA E URBANA DA CIDADE.

Após os ciclos econômicos, Algodão, Arroz, e Usinas, os setores de comércio e serviços assumem o protagonismo da produção econômica do município.

As políticas urbanas modernas estão em consonância com o modelo de acumulação capitalista e os processos de organização, de acordo com o interesse do capital, assim, quando um empreendimento é anunciado automaticamente se incorre um movimento de produtos (morádias) e serviços (consumo), uma empresa como um Comercial ou Super Mercado atacadista, produz um alvoroço de bens e serviços e trabalhadores em busca de prestarem seus serviços a estas empresas.

No caso de um Shopping Center atraem o capital local e altera os aspectos urbanos dos espaços onde se instalam. É preciso compreender três aspectos gerais sobre a implantação e a reconfiguração urbana que um Shopping provoca, na produção do espaço que até então pode ser apenas de empreendimentos domésticos, conseqüentemente a reprodução deste espaço a partir de que um dá início isso impulsiona outros investidores investir também o seu capital nesse aspecto, e, conseqüente se vai perceber a ação do mercado imobiliário, que é quem vai abraçar os dois primeiros segmentos e serem os executores da ação.

A grande cidade capitalista é o lugar privilegiado de ocorrência de uma série de processos sociais, entre os quais há acumulação de capital e a reprodução social tem importância básica. Estes processos criam funções e formas espaciais, ou seja, criam atividades e suas materializações, cuja distribuição espacial constitui a própria organização espacial urbana. (CORRÊA, 1995, p. 5)

O município de Bacabal está numa região centralizada no estado onde toda a produção e desenvolvimento regional caminha pela estrada que corta a cidade a BR-316, tornando assim a cidade de Bacabal num centro comercial regional para investimento, devido a estar a 4 horas de distância da capital São Luís, Em 2013, um grupo de investimentos chamado Lastro Engenharia, escolheu o município para implantação de um shopping center, chamado Shopping Pátio Avenida, e também um conjunto habitacional chamado Avenida Park Residence. Com o anúncio do Shopping o município que até então não possuía investimento no setor da construção civil em larga escala, virou um canteiro de obras.

Levando em conta essa dinâmica consideremos, que empresas no setor detêm um capital de investimento sobremaneira alto, e tais empresas tem inovado o setor e ampliado seus lucros e investimento, produzindo alterações no cotidiano da cidade, elas se sobressaem ao lucro doméstico e particular, para investimento de larga escala.

O espaço urbano produzido dentro da perspectiva da urbanização corporativa vai depender da inserção de cada cidade na rede da divisão internacional do trabalho. Quanto mais ela se apresenta enquanto um potencial, dotado de infraestrutura e mercado consumidor para o capital monopolista, maior será a contradição na produção de seu espaço urbano, independentemente do seu tamanho demográfico. (VIRGENS, FILHO, 2017, p. 4)

O município de Bacabal sob uma economia de subdesenvolvimento, experimentou com o projeto de construção de um shopping um novo momento econômico, pois esse empreendimento produziu uma reação em cadeia, os loteamentos e a movimentação comercial girou em torno de sua instalação. Isso gerou na malha urbana do município o aparecimento de novas áreas habitacionais. Em Bacabal, isso representou uma mudança de paradigma, uma cidade com traços rurais e urbano e de economia ainda primitiva e doméstica, encontrou no shopping um pouco do capitalismo corporativo, que só em ser anunciado produziu um efeito em cadeia, no espaço urbano e na economia. Tanto a classe empresarial quanto as classes mais baixas vibraram com o anúncio do novo shopping, que além de ser fonte lucrativa é uma fonte de entretenimento com suas salas de cinema, em uma cidade como Bacabal que não havia cinema, já tinha espaço para uma cultura de massa que representa o cinema.

Os shopping centers (SC) são empreendimentos com uma grande capacidade de criar centralidades dentro da lógica da urbanização corporativa. Estes empreendimentos compreendidos enquanto templo de consumo (Padilha, 2003), apresentam-se para o cidadão, ou melhor, para o consumidor, enquanto espaço para sanar suas necessidades básicas e supérfluas, além de espaço de lazer individual ou familiar, longe das intempéries. Habitar próximo ao SC é então considerado como um objetivo a ser alcançado. (VIRGENS, FILHO, 2017, p. 5)

O Projeto era praticamente uma nova cidade, seria um shopping, condomínio horizontal e vertical, loteamento, um centro empresarial, um hotel e uma universidade privada. O Shopping tinha em sua primeira fase, 10 lojas âncoras e 100 lojas satélites, 17 lojas de alimentação 01 cinema com 4 salas sendo 01 sala 3D, 01 supermercado e 01 parque de diversão. Na segunda fase está previsto mais duas lojas âncoras e 51 satélites. E do lado do Shopping ainda seria erguido um hotel e salas comerciais. A previsão para conclusão estava prevista para outubro de 2015, e geraria cerca de 1.100 empregos diretos.

A Área do terreno era de 64.000,00m² seria construído: 20.348,49 m² (primeira fase) e 6.395,86m² (segunda fase); havia ainda uma Área Bruta Locável (ABL): 15.667,57m² (primeira fase) e 4.441,32m² (segunda fase) existia previsão de um fluxo mensal: 205.200 pessoas/mês, e um investimento total previsto na 1ª fase: R\$ 90 milhões, o investimento do empreendedor de R\$ 60 milhões e o investimento dos lojistas R\$ 30 milhões e um volume de vendas estimado em R\$ 165.615 milhões/ano.

Assim um investimento de grandes proporções que não só produziu com o anúncio como se efetivado traria uma alteração da cidade como todo, o que ocorreu em parte. Pois devido à Crise econômica que abateu o país em 2015 a 2016, houve uma queda em todos os setores produtivos do país, e a Lastro Engenharia, responsável pelo projeto parou todos os seus negócios no estado e terminou pelo empreendimento sequer ter saído do papel. O terreno sequer foi alterado, as únicas coisas que se concluíram foram o condomínio vertical, que em 2017.

O poder do capital que investiria no projeto terminou por ser quebrado devido às fases cíclicas do capitalismo, vemos, portanto, que o empreendimento teve, com sua efetivação, uma mudança drástica no município, uma reconfiguração espacial considerável, o que podemos observar nas imagens abaixo:

Imagem 1- Shopping Pátio Avenida



Fonte: Google Earth (2015)

A Avenida João Alberto de Sousa se tornou um canteiro de obra com 3 residenciais, Portal das Flores, Cidades Jardins e Avenida Park da Lastro, uma avenida que antes era

praticamente inabitada, existiam apenas a Universidade Federal do Maranhão no fim da avenida já chegando a BR316, e no centro dela um bairro chamado Areal que antes de 2013 possuía características rurais, porém com o passar dos anos e o impulso do Shopping ganhou toques de urbanidade.

Porém devido à crise econômica que atingiu o país em 2015, os residenciais tiveram baixa produtividade, com a diminuição do consumo, tinha oferta mais não havia a procura, e isso fez com que as obras desses também parassem, porém, algumas unidades foram entregues, e tornaram a avenida parte da cidade, que até então não era, pelo fato de estar afastada do centro. Projeções que eram feitas, faziam acreditar que ali seria o centro de Bacabal, mas a Crise econômica não permitiu que isso ocorresse.

Imagem 2 – Avenida Park Residence, da Lastro.



Imagem 3- Cidades Jardins



Foto: Do Autor

Imagem 4 – Portal das Flores



Foto: Do Autor

A centralidade que se esperava não chegou, devido à crise financeira de 2015 e 2016 e com isso, caiu drasticamente os investimentos na cidade no quesito da construção civil. O Shopping que ficaria em uma localização estratégica e seria um marco na cidade terminou por não sair do papel. O público que trouxe remodelou aquele espaço para acomodar-se com a construção de condomínios de luxo, porém como aferrecimento da economia terminaram por não concluir todas as obras, apenas deixar pronto algumas que vimos nas imagens.

Com o anúncio do Shopping houve uma valorização imobiliária no município de Bacabal, ouve um boom imobiliário. A produção de moradia se tornou um mercado rentável com o anuncio do Shopping e isso fez com que houvesse a construção de residenciais em toda a cidade. Não existe dados precisos sobre valores, porém antes uma residência que era comprada em montantes altos e de uma vez, com o advento do programa Minha Casa Minha Vida e os incentivos ao financiamento do governo federal através da Caixa Econômica Federal, assim, um terreno que valia entre R\$ 12.000 a R\$ 15.000 antes de 2013, passou a quantia de R\$ 25.000, porém podendo parcelar em até 120 vezes, na tentativa de atrair a demanda solvável do município tendo o Shopping Pátio Avenida, como era o marketing principal, também outros loteamentos se espalharam pela cidade, espriando ainda mais o município e esparramando a cidade, usando o shopping como elemento principal.

Alguns loteamentos são exemplos desse movimento, o Colinas de São Pedro e Altos do Mearim, como já citados o Cidades Jardins, Portal das Flores, ainda tem o Cidade Bela e alguns desconhecidos oficialmente. Porém com a não efetivação do Shopping esses residenciais não foram concluídos e alguns apresentaram falhas na questão localização:

Imagem 5 - Loteamento Lastro Engenharia, inconcluso.



Foto: Google Earth (2015)

Imagem 6 - Loteamento Cidades Jardins



Foto: Google Earth (2015)

Imagem 7 - Loteamento Lastro Engenharia



Foto: Google Earth (2015)

Imagem 8 - Loteamento Alto do Mearim



Foto: Google Earth (2015)

Imagem 9 – Loteamentos desconhecidos



Foto: Google Earth (2015)

Imagem 10 – Loteamento Zeca Aguiar e Colinas de S. Pedro



Foto: Google Earth (2015)

Imagem 11 – Loteamento Cidade Bela



Foto: Google Earth (2015)

As imagens mostram um canteiro de obras, isso devido ao anúncio de um Shopping Center, que viria a ser um polo comercial econômico para a região, assim, o mercado imobiliário viu uma lucratividade e condições de uma mudança política e econômica na cidade, o que atraiu um volume grande de residenciais e de loteamentos. Se detalharmos as

imagens vamos compreender a empolgação e por fim o desanimo provocado pela crise e a não efetivação do Shopping.

Na imagem 2, 3 e 4 vemos três residenciais próximos um ao outro, o Avenida Park Residence (Imagem 2) que foi anunciado junto ao Shopping Center, porém com a não efetivação do esse loteamento acabou parando sua construção, seus moradores acabaram se reunindo e se apropriar por conta própria, devido ao longo atraso na entrega, o Residencial do Cidades Jardins (Imagem 4) foi o mais rápido a ser entregue, porém também devido o projeto do shopping não ter sido efetivado, estagnou-se as vendas, o Portal das Flores (Imagem 3), foi o último a ser anunciado, construiu-se rapidamente porém estagnou igualmente as demais.

Da imagem 5 á 11 vamos perceber de que modo foi se dando um boom habitacional, o empreendimento da Lastro Engenharia, (Imagem 5 e 7), visava como já dito anteriormente uma nova cidade, com hotel, universidade, supermercado e três residenciais, o Avenida Park, Green Park e Green Ville, sendo que não cegaram a se concretizar.

O cidades jardins (imagem 6) já falado terminou por não se efetivar, porém, era um dos empreendimentos que oferecia mais proximidade do shopping. Sua configuração era modelada para uma vivência urbana citadina no sentido como grandes cidades.

Em outras áreas da cidade, você vê a continuidade do espraiamento, onde se avançou sob áreas antes rurais e agastadas do centro, trazendo o fenômeno da periferia de luxo, vemos os exemplos do loteamento do Zeca Aguiar (imagem 10), onde é loteado de mansões e casarões luxuosos, em uma área ainda com traços rurais, assim, também o Colinas de São Pedro, ainda inabitado, (Imagem 10), Esses surgiram juntamente com a proposta do Shopping, mas suas não efetivações de modo pleno, foi devido à crise econômica de 2015. Ainda podemos ver o loteamento Altos do Mearim (Imagem 8), onde com a promessa de distância de 5 min do centro da cidade, teve sua conclusão embargada, por falta de licença ambiental e estar próximo a uma carvoaria e ao expelir cinzas em direção o loteamento, seria um risco aos moradores que ali residissem.

Vamos ver os loteamentos desconhecidos (imagem 9) e que ocupam grandes extensões de terra, são assim classificados por não possuírem nomenclatura, porém, assim estão em construção, parecido com a dinâmica do loteamento do Zeca Aguiar (imagem 10). Vamos concluir com a imagem 11, onde existe o loteamento do cidade bela no novo Bacabal, que com as mesmas propostas, ainda se mantém no mesmo ritmo e estagnação.

Percebemos que a crise de 2015 e não construção do shopping, ocasionou uma estagnação nos empreendimentos, porém percebem que todos espraiaram e expandiram a

malha urbana, seja por deixar inacabado ou concluído. Mas fica os vazios urbano preenchidos por esses empreendimentos.

Podemos ver que os empreendimentos ficaram órfãos, no sentido de ausência de sustentáculo motor devido a falência da centralização. O Shopping Center, fez surgir um outro modo de ocupação, a periferação do luxo, a maioria desses residenciais e loteamentos que antes serviriam para toda uma demanda solvável, sendo ricos e pobres, passou a atender apenas uma parte dessa demanda, a que ainda poderia comprar, pois houve queda da procura ou seja a demanda “o todo”. Antes as parcelas que eram de R\$ 120,00 a R\$ 300,00 reais, dividido em até 120 meses, passaram para o valor de R\$ 400,00 a R\$ 580,00 reais, divididos em 48 a 60 meses, percebemos que antes todos podiam comprar, porém após o declínio da centralização, a crise econômica e a perda da demanda geral, apenas uma parte detinha ainda o poder de compra, pra melhor entender RIBEIRO e PECHMAN (1995), nos esclarecem:

Mas, por outro lado, a demanda formada por aquele que tem a capacidade, de compra (demanda solvável) tende a ser reduzida também, na medida em que o desenvolvimento da produção capitalista leva à proletarização do conjunto da população, fazendo com que o salário seja a forma predominante de acesso da população, fazendo com que o salário seja a forma predominante de acesso aos bens necessários a reprodução da força de trabalho despendida do processo produtivo. (RIBEIRO, PECHMAN, 1995, p. 38)

Então, a parte que podiam comprar, produziu um fenômeno novo, a criação de bairros de luxo em zonas periféricas, o que produziria esse comportamento? Conhecemos pela literatura atual, que os segregados são sempre os de menor renda, e que são expulsos do centro e levados a periferia da cidade, enquanto que no centro permanecia os de maior renda. Porém, houve recentemente um movimento inverso, agora os de maiores condições estão indo também para a periferia, em busca de tranquilidade e se afastar do barulho e a pressa da cidade.

Peter Marcuse (2001), porém, defende uma definição mais rigorosa do fenômeno, considerando-o o processo por meio do qual uma determinada população é forçada de modo involuntário a se agrupar em uma dada área. Entre os componentes que induziriam essa aglomeração forçada estariam tanto mecanismos de mercado – que induzem à valorização ou à desvalorização imobiliária de determinadas áreas – como instrumentos institucionais (taxação, investimentos públicos, remoção de favelas etc.) e práticas efetivas de discriminação (por exemplo, por parte de agentes imobiliários). (TORRES, 2004, p. 2)

Podemos entender também esse fenômeno como uma dinâmica do mercado imobiliário que é quem decide o que tem e o que não tem valor no mercado, portanto, o modo de organização dos espaços se dá aos gostos desse segmento. Compreendemos que na cidade de Bacabal, vemos a evolução desse processo modernamente de 2013 até recentemente, com o advento do shopping que criou uma expectativa em todos os setores, que aplicaram seus

recursos em prol da vinda do shopping, porém com a certeza de não haver mais, os órfão desse processo tiveram de se adequar à nova realidade estabelecida e agir de modo a continuar a lucratividade, investindo em marketing e concluir o que as obras que restaram e pensar em novas dinâmicas em torno do processo. Para isso, o mercado imobiliário vai adequando ideias e formas para ultrapassar esses entraves.

4.1 Bacabal segregação e continuidade

O que ouve na cidade foi apenas o calor de uma emoção de um projeto de larga escala, orientado por uma classe dominante e que serviria a princípio para satisfazer os desejos dessa classe, e por fim lucraria com a demanda popular. Como não ocorreu, sobrou apenas a tentativa de vender o que restara e driblar esse processo em busca de novos mercados, o que ocorreu com a segregação das classes dominantes, vejamos exemplo de um bairro longe do centro e um popular:

Imagem 12- Loteamento Zeca Aguiar



Foto: Google Earth (2015)

Imagem 13 -Bairro Vila da Paz



Foto: Google Earth (2015)

Na imagem 12, vemos o loteamento Zeca Aguiar, onde se observa, as características periféricas, porém, as casas possuem um padrão de luxo, exemplo de uma classe que possui recursos, mas que opta por viver em uma zona periférica. Na imagem 13, é o Bairro Vila da Paz, fruto de uma ocupação urbana, que mesmo depois de muito tempo, precisamente 7 anos, ainda não possui infraestrutura adequada, e está praticamente na mesma região que na imagem 12, vemos a diferença, mesmo na periferia, mas as condições continuam em pé de desigualdade.

[...] a segregação é – sobretudo – um fenômeno relacional: só existe segregação de um grupo quando outro grupo se segrega ou é segregado. É nesse componente relacional que as medidas de segregação vão se basear, buscando medir o grau de isolamento de um determinado grupo social em relação a outro. (TORRES, 2004, p. 2).

Os atores modernos do espaço, onde se movimentam e produzem o espaço ao gosto de seus atos, a segregação ganha um nova conotação e aspectos diferente, a periferização do pobre ainda existe, porém dividida em pobres e ricos na periferia, vemos nas imagens a diferença, clara e direta dos fatores que envolve esse processo, ao perceber quem e como está

agindo e moldando, modelando e reformulando, com clara leniência do estado, que se furta do papel de mediador e fecha os olhos, deixando o Laissez faire urbano realizar suas ações, assim modificando áreas antes não ocupadas, reurbanizando outras e até mesmo eliminando outras. Assim podemos compreender de forma simples a nova dinâmica espacial Brasileira.

Chegamos ao entendimento de moderno e novo a partir de ações, do mercado, das classes dominantes, a massa trabalhadora e os meios de produção e a forma que são empregados, vamos ver e perceber uma simetria estabelecida pelos de cima, pelo fato de deter os meios e os comandos, assim, o espaço não pertence apenas a massa trabalhadora, porém essa massa, é levada de um lado para outro, sabendo ou não que isso ocorre, o mercado é invisível mas seus efeitos são visíveis. Foi tentado mostrar esses aspectos neste trabalho de modo a perceber no município de Bacabal, que mesmo não sabendo um grande centro industrial, foi afetado pela lógica do capital e suas dinâmicas próprias. No espaço urbano e na economia.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Espraiamento e periferização, são termos recentes na literatura moderna, temos autores brasileiros clássicos como Lúcio Kowarick, que entendendo a dinâmica da grande metrópole Brasileira, São Paulo, ele nos dá um arcabouço sociológico e histórico dessa dinâmica de crescimento periférico das cidades, que vão crescendo sem ordem e totalmente desregulada. Entendemos, que os crescimentos das cidades são constantes, a partir dos processos econômicos e atores políticos no espaço urbano. O estado, os donos da terra, industriais, promotores imobiliários e os grupos socialmente excluídos são os atores do espaço em todas as cidades do mundo, sendo pequena, média ou grande ou as atuais megalópoles como Nova York.

O Estado do Maranhão foi um importante estado exportador de um produto agrícola que é o Algodão, e tornou-se um exportador competitivo em dados momentos de sua história, porém, devido à falta de investimentos e inovação tecnológica e competições internas, a produção entrou em decadência, espaço que foi ocupado pelos E.U.A. Mas, seus municípios experimentaram esse vigor produtivo, que é o caso de Bacabal-Ma, que teve em o algodão, um período de estabilidade econômica e produtiva, que durou mesmo após o Maranhão ter parado a produção. As transformações urbanas advindas desse processo, fizeram uma fazenda se tornar uma vila, e ganhar status de município na década de 1920.

Após o fim da produção algodoeira no Maranhão, experimentou-se a exploração de dois novos produtos, que são o Babaçu e o Arroz, onde se instalaram diversas usinas de beneficiamento de ambos os produtos, que não produziram apenas alterações na economia, mas nos aspectos urbanos a partir da década de 1960 e 1970, com um fluxo migratório constante, que provocou uma remodelação urbana e o primeiro espraiamento. Ao findar a produção do arroz e babaçu, a pecuária toma espaço, com a instalação de diversas fazendas para a criação de gado e produção leiteira, que deram nova caracterização a economia do município e da região.

A mudança econômica os ciclos agrícolas para o setor de serviços, toma forma e espaço a partir da chegada de diversas lojas ao município que deram uma alteração quase que total ao modo de vida e vivência urbana, onde tivemos a criação de um mercado consumidor, onde se estabeleceu as necessidades urbanas no consumo, e foi esse um dos fatores que

levaram a necessidade da implantação de um Shopping Center, que provocou uma alteração completa no município que passaria de uma cultura agrícola economicamente, para uma cultura urbana dita moderna, pautada no consumo. Contudo, o Shopping não se efetivou, mas promoveu uma alteração no espaço urbano de forma que levou a um espraiamento urbano e periferação, tanto da alta renda como da baixa renda esticando o município para as bordas, que antes eram vazios urbanos a se tornarem loteamentos e residenciais.

Entendemos questões basilares do crescimento urbano, o crescimento a partir de agentes econômicos que vão ditando o modo produtivo, depois os agentes da especulação imobiliária e os socialmente excluídos que são levados de um lado para o outro no espaço. Conforme um ciclo econômico se inicia e termina há alterações, a partir de dois conceitos básicos, espraiamento (desordenado) e periferação (mínimo de condições básicas) que tem sido a maneira moderna de crescimento urbano, cresce e segrega, com um detalhe, quando os de alto poder aquisitivo se segregam, daí temos um novo tipo de vivências urbana que é a periferia das mansões, onde os de poder aquisitivo vão pra áreas afastadas do centro da cidade, por uma série de questões, tendo como o “sossego” como causa máxima.

Este estudo tentou compreender de maneira sucinta, como se dá todo esse processo, na cidade de Bacabal-Ma, cidade da mesorregião central do Estado do Maranhão, onde teremos essa dinâmica não sob sua totalidade por que ele se dá de modo complexo e de diversas maneiras, de como se é empregado. O que podemos entender de modo simples é que o crescimento das cidades estará sempre atrelado ao modelo econômico vigente, e os atores e agentes envolvidos no processo de construção e vivência urbana. Podemos entender assim que até aqui está assentado, esse entendimento.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AZEVEDO, Leon Carriconde. **O Rural e o Urbano na teoria de Lefrevbe**. Presidente Prudente SP: [s.n.], 2012. 21 p. Disponível em: <<http://www.proceedings.scielo.br/pdf/jtrab/n1/09.pdf>>. Acesso em: 01 jun. 2018.

BARBOSA, Francisco Benedito da Costa. **Relações de produção na agricultura: algodão no Maranhão (1760 a 1888) e café em São Paulo (1886 a 1929)**. [S.l.: s.n.], 2005. 11 p. Disponível em: <<http://ftp://ftp.sp.gov.br/ftpiea/publicacoes/asp2-2-05.pdf>>. Acesso em: 01 jun. 2018.

BARSOBA, Francisco Benedito da Costa. **Contribuições da economia algodoeira e cafeeira ao desenvolvimento do maranhão e de São Paulo**. [S.l.: s.n.], 2005. 25 p. Disponível em: <<http://seer.sct.embrapa.br/index.php/cct/article/download/8661/4850>>. Acesso em: 01 jun. 2018.

BORGES, William Antonio; ROCHA, Marcio Mendes. **A compreensão do processo de periferação urbana no Brasil por meio da Mobilidade centrada no trabalho**. [S.l.: s.n.], 2004. 18 p. Disponível em: <http://www.nemo.uem.br/.../a_compreensao_do_processo_de_periferizacao_borges_e_roch..>. Acesso em: 01 jun. 2018.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. [S.l.: s.n.], 1995. 13 p. Disponível em: <<http://reverbe.net/cidades/wp-content/uploads/2011/08/Oespaco-urbano.pdf>>. Acesso em: 01 jun. 2018.

DALBERTO, Cassiano Ricardo; CIRINO, Jarder Fernando; STADUTO, Jefersson Andronio. **Especialização x diversificação: economias de aglomeração e seus impactos sobre os salários industriais em minas gerais**. [S.l.: s.n.], 2016. 20 p. Disponível em: <<https://diamantina.cedeplar.ufmg.br/.../especializacao-x-diversificacao-economias-de-a...>>. Acesso em: 01 jun. 2018.

DALBERTO, Cassiano Ricardo; STADUTO, Jefferson. **Uma análise das economias de aglomeração e seus efeitos sobre os salários industriais brasileiros**. [S.l.: s.n.], 2013. 31 p. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rec/v17n3/v17n3a07.pdf>>. Acesso em: 01 jun. 2018.

ESPÍNOLA, Andréa Máximo. **Configuração espacial e hierarquia urbana -rede de cidades no paraná**. Salvador BA: [s.n.], 2005. 21 p. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/5145/000421457.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 01 jun. 2018.

FERREIRA, Márcia Milena. **Construção do El Dourado Maranhense: Experiencia e narrativas de migrantes nordestinos no Médio Mearim-Ma (1930-1970)**. [S.l.: s.n.], 2015. 338 p. Disponível em: <<http://www.historia.uff.br/stricto/td/1749.pdf>>. Acesso em: 01 jun. 2018

FERREIRA, Marcia Milena. **Do Alto Mearim ao Médio Mearim (MA): de espaço de conquista a lócus de fixação de migrantes nordestinos**. [S.l.: s.n.], 2013. 17 p. Disponível em:

<http://www.snh2013.anpuh.org/resources/.../1371345962_ARQUIVO_Mearimanpuh2013>. Acesso em: 01 jun. 2018.

FOCHEZZATO, Adelar. **Desenvolvimento regional: novas abordagens para novos paradigmas produtivos**. [S.l.: s.n.], 2010. 33 p. Disponível em:

<<https://www.fee.rs.gov.br/3-decadas/downloads/volume1/5/adelar-fochezatto.pdf>>. Acesso em: 01 jun. 2018.

JÚNIOR, Inácio Fernandes de Araújo; GONÇALVES, Eduardo; ALMEIDA, Eduardo. **Efeitos de externalidades dinâmicas e espaciais sobre o crescimento local: evidências do brasil (1995-2013)**. [S.l.: s.n.], 2016. 20 p. Disponível em:

<<https://econpapers.repec.org/RePEc:anp:en2015:176>>. Acesso em: 01 jun. 2018.

KOWARICK, Lúcio. et al. **As lutas sociais e a cidade**. 2 ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1994.

MESQUITA, Benjamim Alvino de. **A crise da economia do babaçu no maranhão (1920-80)**. [S.l.: s.n.], 1998. 13 p. Disponível em: <<http://www.periodicoeletronicos.ufma.br> > Capa > v. 2, n. 2 (1996) > Mesquita>. Acesso em: 01 jun. 2018.

NADLIN, Vanessa; IGLIORI, Danilo. **Espraiamento urbano e periferização da pobreza na região metropolitana de São Paulo: evidências empíricas**. [S.l.: s.n.], 2015. 22 p. Disponível em: <https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0250...>. Acesso em: 01 jun. 2018.

OLIVEIRA, Raimundo Sérgio de. **Bacabal de Sempre, Histórias de Bacabal**. [S.l.: s.n.], 2003. 48 p.

RIBEIRO, Luiz c. de Queiroz Ribeiro; PECHMAN, Robert M. **O que é questão de moradia**: 1. ed. São Paulo: Editora Nova Cultural/Brasiliense, 1985.

SILVA, Marcos Ferreira; LIMA, Liduína Francisca Tavares de S. **HISTÓRIA DE NOSSA TERRA**. [S.l.: s.n.], 2007. 125 p.

SOUSA, Raimundo N. de et al. **Bacabal e Sua História**: Dados Gerais Sobre Bacabal. 2013. Disponível em: <<http://www.oobservador.net/cgi-bin/index.asp>>. Acesso em: 01 jun. 2018.

TINOCO, Alexandre. **Das economias de aglomeração às externalidades dinâmicas de conhecimento**. [S.l.: s.n.], 2003. 15 p. Disponível em: <<http://rbeur.anpur.org.br/rbeur/article/download/87/71>>. Acesso em: 01 jun. 2018.

TORRES, Haroldo da Gama. **Segregação residencial e políticas públicas São Paulo na década de 1990**. [S.l.: s.n.], 2004. 16 p. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v19n54/a03v1954.pdf>>. Acesso em: 01 jun. 2018.

VELHO, Otávio Guilherme. **O fenômeno urbano. Rio de Janeiro:** [s.n.], 1967. 136 p. Disponível em: <http://www.marcoareliossc.com.br/03velho_completo.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2018.

VIRGENS, Silvia Catarina Araújo das; FILHO, Jorge Ney Valois Rios. **Shopping center e a produção do espaço urbano em Salvador-BA.** [S.l.: s.n.], 2017. 21 p. Disponível em: <<http://anpur.org.br/xviienanpur/principal/publicacoes/XVII.../ST.../ST%203.12-04.pdf>>. Acesso em: 01 jun. 2018.